

No Estado, 68 mil não buscam emprego e nem trabalham

Números divulgados pelo IBGE se referem ao 3º trimestre deste ano e indicam, ainda, que um total de 369 mil está sem ocupação

Kariny Baldan

Sessenta e oito mil pessoas no Espírito Santo estão aptas para ingressar no trabalho, mas não buscam emprego. O número foi divulgado ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no complemento da pesquisa oficial de empresa, a Pnad Contínua.

O dado é referente ao terceiro trimestre deste ano (de julho a setembro) e inclui tanto pessoas que não procuraram trabalho, quanto aquelas que gostariam de entrar no mercado mas não estão disponíveis.

Entre as justificativas para não buscar emprego estão tempo para os estudos, problemas de saúde, afazeres domésticos, falta de trabalho adequado, falta de oferta na localidade, falta de experiência ou qualificação, entre outros.

Outros números que alertam para a baixa produtividade são a taxa de desocupação, referente às pessoas que procuram emprego mas não encontram, e as subocupadas, que estão no mercado produzindo menos que do que seu potencial.

Ainda segundo o levantamento do IBGE, a desocupação no Estado chegou ao nível mais alto desde que a pesquisa começou a ser feita, em 2012. Nesse período, a taxa chegou a 12,7%, sendo que há um ano, no mesmo trimestre, era 8,1%.

Já a taxa daqueles que estão aptos a trabalhar, mas não produzem como poderiam, chegou a 17,9% do total de potenciais trabalhadores, ou 369 mil em número absoluto de pessoas. Esse também é o total mais alto da série, que era de 9% no mesmo período de 2014.

Para o economista e professor universitário Laudeir Frauches, esse alto número de pessoas fora do mercado é um sinal de alerta.

“O Brasil está no auge do bônus demográfico, que é quando a maior parte da população está em idade produtiva”, avalia. “Essa seria uma oportunidade de crescimento econômico para o País, mas que está sendo desperdiçada”, diz.

Enquanto há falta interesse por parte de uns, outros encontram dificuldades para conseguir espaço no mercado. A crise financeira reduziu os postos de trabalho, lembra a diretora da Center RH, Eliana Machado.

Para conseguir oportunidades, ela orienta: “Muitas pessoas estão no momento de desespero e acabam perdendo o foco. E preciso definir com o que se deve trabalhar e construir o currículo voltado para isso, se preparando para a área específica que decidiu seguir”.



ANTONIO MOREIRA – 25/09/2014

ELIANA recomenda que profissionais se preparem mais no período de crise

ENTENDA

Espírito Santo

- > **68 MIL** pessoas têm potencial para trabalhar, mas não buscam emprego.
- > **254 MIL** estão desocupadas. Ou seja, buscam emprego, mas não conseguem voltar à ativa.
- > **A TAXA DE DESOCUPAÇÃO** chegou a 12,7%, a maior desde 2012. A menor foi 5,8%, no mesmo período de 2014.
- > **369 MIL** é o total de pessoas que não estão explorando sua capacidade produtiva ao máximo. Esse número inclui tanto os que estão aptos a trabalhar, mas não buscam emprego, os desocupados e também os que estão trabalhando, mas produzindo menos do que seu potencial.
- > **ESSE NÚMERO** representa 17,9% do total de potenciais trabalhadores no mercado capixaba.

Brasil

- > **MAIS DE 6,1 MILHÕES** de pessoas no País têm potencial para trabalhar, mas não estão buscando emprego.
- > **MAIS DE 12 MILHÕES** estão atrás de oportunidades no mercado mas não encontram.
- > **4,8 MILHÕES** estão atuando abaixo da sua capacidade produtiva.
- > **JÁ O TOTAL** que não está explorando sua capacidade produtiva ao máximo é de quase 23 milhões de brasileiros.

Fonte: Pesquisa Pnad Contínua do IBGE.

DIVULGAÇÃO



CARTEIRA de trabalho: pesquisa

Razões de quem não procura vaga

Dedicação aos estudos e falta de qualificação são motivos dados

- > **FALTA** de experiência ou de qualificação;
- > **NÃO CONSEGUIR** trabalho por ser considerado muito jovem ou idoso;
- > **NÃO TER** trabalho na localidade;
- > **OBRIGAÇÕES** com afazeres domésticos, dos filhos ou de outros parentes;

- > **ESTAR AGUARDANDO** respostas de outras oportunidades;
- > **NÃO ACHAM** trabalho adequado;
- > **POR CAUSA** dos estudos;
- > **PROBLEMAS** de saúde ou gravidez;
- > **OUTROS** motivos.

Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE.

Melhora mais lenta da qualidade de vida

O crescimento do índice de desenvolvimento humano (IDHM) no Brasil desacelerou nos últimos anos. De 2011 a 2014, o IDHM cresceu 1% ao ano, ritmo menor que a expansão anual de 1,7% entre 2000 e 2010.

O indicador é referência de qualidade de vida da população, e seu cálculo considera informações sobre renda, educação e longevidade.

Os dados foram divulgados ontem pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), junto do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)

e a Fundação João Pinheiro.

Na composição do índice, educação foi o que mais cresceu no período: média anual de 1,5%. Mas é o quesito em que o Brasil está pior. De 2011 a 2014, os subíndices que consideram a renda e a longevidade dos brasileiros cresceram, respectivamente, 0,6% e 1,1% ao ano.

No País, o Distrito Federal registra a maior taxa (0,839), seguido por São Paulo (0,819) e Santa Catarina (0,813). Os menores índices são os de Alagoas (0,667) e do Pará (0,675) e Piauí (0,678). O Espírito Santo ocupa a 7ª posição (0,740).